



ESPECIAL



Formação de Executivos

FUTURO NÃO DÁ TRÉGUAS À INOVAÇÃO

As Escolas de Formação de Executivos atualizam permanentemente os planos de estudos e dizem estar em linha com as necessidades das empresas. Num contexto de negócios profundamente incerto e volátil, só a inovação assegura a competitividade de ambas. Os programas de formação estão em crescimento e nas temáticas, o destaque vai para a liderança e a sustentabilidade. Cinco escolas brilham no ranking FT 2023 e Portugal consolida-se como destino mundial neste segmento do ensino e formação.

INOVAÇÃO

Formação impulsiona criação de novos negócios ■ P2

JE TALKS

Pedro Neto | Partner da Moneris

“Empresas têm de se desinquietar” para aproveitarem as formações ■ P8



RANKING FT 2023

Cinco escolas portuguesas no Top mundial ■ P10

FÓRUM

A oferta da academia está ‘alinhada’ com as necessidades das empresas? ■ P12



Cristina Bernardo

JE TALKS

“Empresas têm de se desinquietar” para aproveitarem benefícios da formação

As formações para executivos ganham importância no âmbito do mercado de trabalho e as suas especificidades só podem “enriquecer as organizações”. Ainda assim, há muitos empresários resistentes.

TOMÁS GONÇALVES PEREIRA
tpereira@medianove.com

A formação feita à medida de uma empresa permite-lhe não só desenvolver-se onde tem necessidade de o fazer como potenciar os seus pontos mais fortes. Ou seja, é possível moldar as especificidades de um programa formativo às condições da empresa a que se destina.

Em simultâneo, as formações interempresas geram outro tipo de vantagens, como as proporcionadas pela partilha de experiências entre os participantes das diferentes organizações que nelas marcam presença. Trata-se, portanto, de um processo de inovação no próprio ato de informar.

Deste modo, é possível, “com outras realidades, transpor [o conhecimento] para aquilo que são as nossas necessidades”, explica Pedro Neto, partner da consultora Moneris e convidado da JE Talks desta semana, dedicada à formação para executivos. Foram tema de conversa os ganhos que este tipo de formação pode gerar às empresas, tanto no que diz respeito à

evolução dos colaboradores, como à atração e retenção de talento jovem. Em Portugal, há muito espaço para progredir, na medida em que ainda se nota alguma resistência dos líderes na adoção deste tipo de práticas.

O crescimento das dificuldades ao nível dos processos de recrutamento das empresas coincide com uma necessidade de trabalhar na vertente comportamental da gestão. Isto porque, na atualidade, os jovens que entram no mercado de trabalho valorizam fortemente o projeto em que se vão inserir.

De forma a atrair o talento, diz Pedro Neto, é necessário “fazer com que eles [os jovens] sintam que podem crescer dentro da própria organização”. Atualmente, o trabalho deve funcionar como “fonte de motivação” e, nesse sentido, é fundamental para reter o talento existente, assim como para maximizar a produtividade dos jovens trabalhadores.

A formação desempenha um importante papel já que é fonte de desenvolvimento para os jovens. Pedro Neto compara, aliás, as formações existentes e a respetiva



É necessário que os jovens sintam que podem crescer dentro da organização. De outra forma, fica difícil atrair e reter talento”

Pedro Neto,
partner da Moneris

possibilidade de aquisição de conhecimentos ao processo de fazer uma pizza, na medida em que cada profissional pode escolher diversas competências para desenvolver, com enorme liberdade.

“Cada um escolhe os ingredientes, as competências que precisa para se automotivar”, refere, antes de sublinhar a importância deste fator. “Isto só pode enriquecer as organizações”, salienta o responsável da Moneris.

À luz deste contexto, as empresas precisam de se adaptar, de forma a fazerem crescer as suas potencialidades e continuarem a atrair (e motivar) talento. Para que as organizações possam acompanhar esta evolução, será necessário “desinquietarem-se”, diz.

Com efeito, as lideranças continuam a mostrar alguma resistência a estas práticas formativas e é fundamental haver mudanças nesse campo, uma vez que a vontade de progredir deve partir do empresário, de acordo com o responsável da Moneris. “Ele próprio tem de começar a ir a estas formações para que tenha noção de uma realidade diferente”, sublinha.

Para que seja possível as organizações desinquietarem-se, é crucial que ganhem “apetência para a recolha de informação”, que ocorre nestas formações.

“As empresas têm muitas falhas, muitos erros”, diz Pedro Neto, sublinhando que muitas “não conseguem perceber que isso pode ser colmatado com formação”.

Em simultâneo, outra questão se levanta. A colocação de entraves relacionados com o receio de formar jovens e que depois estes possam sair para outra organização, nomeadamente uma que seja concorrente da primeira em determinados mercados. Trata-se, diz Pedro Neto, de um “falso receio” e um “péssimo ponto de partida”.

Segundo o responsável da Moneris, “um dos principais *handicaps* que as organizações têm é o receio de que ‘a pessoa que está a trabalhar comigo saiba mais do que eu’”. Quando é justamente o contrário: o progresso profissional pode ser potenciado se se trabalhar com alguém mais conhecedor da temática que se está a desenvolver. ■



A peça pode ser vista no JETV, a plataforma multimédia do Jornal Económico